

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

ANTE-ESTREIAS

15 de março de 2024

A MOEDA-VIVA / 2024

Realização: Pedro Paiva / **Argumento:** Pedro Paiva (a partir de três textos de Georg Büchner (1813-1837): “Woyzeck”, “Leôncio e Lena” e “O Mensageiro de Hesse”) / **Direção de Fotografia:** Leonardo Simões / **Música Original:** Margarida Garcia / **Direção de Som** / Olivier Blanc, Miguel Moraes Cabral e Miguel Coelho / **Montagem:** Manuela Viegas e Pedro Paiva / **Elenco:** Cláudio da Silva, Carlos Nery, Rita Durão, Pedro Lacerda, Romeu Runa, Maria Fonseca, Miguel Moreira, Miguel Sermão, António Caldeira Pires, Sofia Marques, Alexandra Sargento, Victor Lima, Njamy Uolo Sebastião, Hara Moreira, Benjamin George, Maria Capelo, Rui Chafes, Isadora Alves, Joana Bagulho, Pedro Antunes

Produção Executiva: Manuel Rocha da Silva / **Produção:** Água Pé e Manuel Rocha da Silva / **Co-produção:** Optec e Tiago Matos / **Cópia:** DCP, cor, 95 minutos.

“A Moeda-Viva” é um filme que resulta da perturbação e do espanto que é, à luz dos dias de hoje, lêr a obra de Georg Büchner (1813 – 1837). Este autor alemão procura sempre, de forma tão poética quanto concreta e social, aproximar-se do enigma intangível que é a existência humana: o indivíduo enquanto ser político. Um dos desafios deste filme foi o de unir três das suas obras: duas peças de teatro e um panfleto político, intituladas, respectivamente, “Woyzeck”, “Leôncio e Lena” e “O Mensageiro de Hesse”.

Encontra-se um espírito de união, como eixo central (âncora dramática) no personagem Woyzeck (neste filme com o nome Victor), interpretado por Cláudio da Silva. Woyzeck, homem condenado a viver na pobreza e na hostilidade, considerado por outros como

um ser criatural, é assombrado por múltiplas alucinações devedoras do seu abismo mental.

A lógica interna do filme procura neutralizar as referências linguísticas e simbólicas, de modo a não permitir uma definição particular do tempo histórico em que este se passa. Existe então uma aliança entre sinais/sintomas característicos de diferentes épocas, fundindo-os. “A Moeda-Viva” é uma obra imprecisa no tempo, e estilhaçada em vários dos seus aspectos, desde a sua forma até à sua narrativa; das fantasmagorias interiores e dos abismos frenéticos que levaram Georg Büchner a escrever a peça “Woyzeck”. Büchner, na altura com 23 anos, estava exilado na Suíça por questões políticas. Antes de morrer deixa-nos esta peça inacabada. Quatro manuscritos que, como um puzzle, produzem o efeito de “obra aberta”, lançando o incontornável desafio de quem a queira trabalhar, ou seja, de criar o seu próprio Woyzeck. É nesta senda que se encontra “A Moeda-Viva”.

Pedro Paiva